

negócios iniciativas

Este suplemento faz parte integrante do Jornal de Negócios n.º 4986, de 5 de maio de 2023, e não pode ser vendido separadamente.

O papel da inovação na evolução do País

- 📍 Histórias de inovação em Portugal
- 📍 O futuro da tecnologia nas empresas

Teresa Sousa

“Queremos ajudar os nossos parceiros a dar o primeiro passo no Metaverso.”

Alexandre Ruas

“A inovação permite ser mais competitivo, sustentável e eficaz.”

Duarte Roriz



Fábricas de papel como biorefinarias

A inovação permitiu à Navigator destruir o mito de que o eucalipto não estaria indicado para produzir embalagens ou papéis para fins higiénicos. A médio e longo prazo, a empresa pretende olhar para as fábricas como biorefinarias, de serão produzidos bioprodutos, bioquímicos e biocombustíveis.

Carlos de Pascoal Neto, diretor-geral do RAIZ - Instituto de Investigação da Floresta e Papel The Navigator Company



Fotos: Duarte Roriz



A partir de CO2 biogénico, que resulta da combustão dos produtos do nosso processo, combinado com hidrogénio verde, há toda uma panóplia de biocombustíveis nos quais a Navigator está a apostar, em particular para a aviação e para o transporte marítimo.

CARLOS DE PASCOAL NETO
Diretor-geral do RAIZ - Instituto de Investigação da Floresta e Papel The Navigator Company

SUSANA MARVÃO

Há 70 anos que a The Navigator Company, empresa que fabrica e comercializa papel, faz inovação. Com algumas especificidades, enquadrou Carlos de Pascoal Neto, diretor-geral do RAIZ - Instituto de Investigação da Floresta e Papel The Navigator Company. Recorrendo a uma matéria-prima única e nacional, como o *Eucalyptus globulus*, "que permite criar produtos diferenciadores e altamente competi-

vos". Para uma receita de sucesso, Carlos de Pascoal Neto enfatizou o talento, centrado nas pessoas, e a cooperação com outras entidades envolvidas nestes processos de geração de conhecimento e de inovação, na segunda Talk do Prémio Nacional de Inovação, uma iniciativa que junta o Negócios, o BPI e a Claranet, em parceria com a Nova SBE e a COTEC Portugal. A Navigator apresenta-se como "líder europeu na produção de papéis finos de impressão e escrita não revestidos". Tem um volume de negócios de 1,6 mil milhões de euros, com 91% da sua produção a destinar-se a mercados externos, para mais de 130 países. Hoje, é o terceiro maior exportador nacional, representando 1% do

PIB português e 2,4% das exportações. "A marca Navigator é um global 'best seller' neste segmento de papel de impressão escrita premium", salientou o responsável.

Versão integrada da cadeia de valor

Parte deste sucesso, segundo Carlos de Pascoal Neto, deve-se a uma perspetiva integrada na cadeia de valor, desde a produção de floresta à produção de pasta - a matéria-prima base para a produção de papéis para impressão escrita e 'tissue' -, mas também de energia elétrica a partir de biomassa. Na sua intervenção, o diretor-geral realçou o papel da inovação e desenvolvimento em toda esta perspetiva integrada, nomeada-

mente através do RAIZ, o centro de I&D e transferência de conhecimento da Navigator, criado em 1996, promotor do desenvolvimento sustentável e da bioeconomia baseada na floresta do eucalipto.

A personagem principal de todo este enredo é o *Eucalyptus globulus*, espécie naturalizada em Portugal há cerca de 200 anos, "que permitiu que nos anos 50 se produzisse de forma inovadora, à escala mundial, fibras de celulose, que mais tarde deu origem ao negócio da Navigator". Até à data, havia a ideia de que as fibras desta espécie, denominadas fibras curtas, não serviriam para produzir papéis de impressão "e muito menos para a área da embalagem". Volvidos 70 anos, "e

Sustentabilidade em forma de betão

A Secil quer atingir a neutralidade carbónica em 2050 e aponta, já em 2030, para uma redução de 48% das emissões de CO2.

após esses ensaios pioneiros, a Navigator é líder europeu na produção de papéis de impressão escrita, com 100% de fibra de eucalipto". Carlos de Pascoal Neto diz mesmo que "quebrou-se um mito e uma barreira".

Na área dos papéis para fins higiénicos, havia igualmente a ideia de que não seria possível a sua produção através do *Eucalyptus globulus*. "Mais uma vez, o mito caiu. Neste momento, somos o segundo player ibérico nesta área".

Já na área da embalagem, em que são necessários papéis resistentes, onde a fibra longa é normalmente quem impera, a Navigator voltou a quebrar barreiras e a provar que também aqui o eucalipto pode marcar pontos.

Embalagens são oportunidade e desafio

A curto e médio prazo, para além de consolidar a aposta em inovação, a área da embalagem é uma oportunidade e um desafio, sobretudo na perspetiva da substituição de plásticos de uso único. "É o que estamos a fazer. Alguns exemplos já são comercializados, outros estão em fase de desenvolvimento ou pré-industrialização, como embalagens de takeaway ou de frescos. Estamos num processo acelerado de desenvolvimento de produto e com início de fabricação em Aveiro no primeiro trimestre do próximo ano".

Outro desafio é a área dos biocombustíveis e bioprodutos. A partir de CO2 biogénico, "que resulta da combustão dos produtos do nosso processo, combinado com hidrogénio verde, há toda uma panóplia de biocombustíveis nos quais a Navigator está a apostar, em particular para a aviação e para o transporte marítimo". ■



Angela Nunes, diretora da Secil e responsável do CDAC.

Cidades de betão. Esta é uma frase frequentemente usada para apelar áreas urbanas densamente povoadas e construídas com edifícios de concreto, que muitas vezes podem parecer monótonas, cinzentas e sem personalidade. Uma expressão interpretada de maneira negativa, sugerindo que essas cidades são frias, impessoais e desumanas. Uma classificação que Angela Nunes, diretora da Secil e responsável do Centro de Desenvolvimento e Aplicações de Cimento (CDAC), admite ser, mais do que tudo, pouco justa. "Essa imagem denegrada do material sempre foi algo que nos preocupou imenso, pois entendemos que o betão tem um potencial incrível", mencionou a responsável do CDAC na segunda Talk do Prémio Nacional de Inovação, uma iniciativa que junta o Negócios, o BPI e a Claranet, em parceria com a Nova SBE e a COTEC Portugal.

A cimenteira abraçou então a missão de explorar o potencial arquitetónico do betão, um 'projeto' que contou com a parceria da classe dos arquitetos que "aderiu de uma forma espetacular", premiando o mercado com obras que hoje mudam o

semblante das cidades. "Para além de demonstrarem o potencial arquitetónico, demonstram o verdadeiro potencial do material, sejam betões brancos, coloridos, que podem ter textura e a forma que entenderemos".

Para além disso, mencionou Angela Nunes, havia que projetar o betão no futuro. Num mundo cada vez mais digitalizado, este material "tão importante para a nossa sociedade", não poderia deixar de estar presente. "Há todo um complemento, um trabalho feito ao nível do desenvolvimento e sensorização em betão, do carregamento por indução". No evento, Angela Nunes deu o exemplo de uma trotinete que já pode ser carregada diretamente sobre uma base de betão, sem qualquer ligação física.

A construção são as pedreiras do futuro

O maior desafio da Secil, que está presente um pouco por todo o mundo - desde o Brasil a África, Médio Oriente e obviamente Europa -, é a sustentabilidade do betão no futuro. A grande ambição da empresa é atingir a neutralidade carbónica em 2050 e ter uma meta in-

termédia já em 2030 de redução de emissões de CO2 em pelo menos 48%. "Isto é assumido publicamente pela nossa administração". Outro aspeto enfatizado pela diretora é a necessidade de aumentar os níveis de circularidade, "algo no qual já estamos a trabalhar".

A abordagem a este desafio vem em forma de uma metodologia que a cimenteira designa de 5 C's: clinker, cimento e concreto (betão), que se encontram dentro da cadeia de valor da Secil, mas também para fora dessa cadeia, na carbonatação e construção. "Temos de olhar para a construção como as pedreiras do futuro", explica Angela Nunes, justificando que os edifícios em fim de vida são desperdiçados. "Hoje, a maior parte desse material vai para aterro. Poderíamos recuperá-lo e devolvê-lo à produção de novo betão".

A intervenção da Secil passa por, ao entregar o betão à obra, este ir pré-formatado, pelo que em projetos como a construção modelar, por exemplo, é possível evitar o desperdício e fomentar a organização da obra, além de ajudar a combater a escassez de recursos humanos no setor.



A Secil já dispõe de materiais em betão para impressão a 3D, com a vantagem de o material poder ser colocado apenas nos sítios onde é essencial, o que leva a uma poupança de volume muito considerável.

ANGELA NUNES
Diretora da Secil
e responsável do CDAC

Betão neutro é uma realidade

O 3D é outra das áreas onde a Secil pretende apostar. Angela Nunes revelou que, neste momento, "a Secil já dispõe de materiais em betão para impressão a 3D, com a vantagem de o material poder ser colocado apenas nos sítios onde é essencial, o que leva a uma poupança de volume muito considerável, a par de uma redução importantíssima do nosso impacto global". Um fator deveras relevante se levarmos em conta que o betão é o material mais consumido pelo homem a seguir à água.

Neste momento, a Secil tem já no mercado um betão neutro em carbono, um produto que resulta da otimização da sua composição, utilizando cimento de baixo carbono, uma dosagem de cimento otimizado e uma incorporação de materiais reciclados, "tanto quanto neste momento é possível". O restante, é compensado com créditos de carbono. "Ou seja, estamos a investir em projetos que, de alguma forma, compensam a emissão deste betão. A curto e médio prazo, o objetivo é dispensar estes créditos porque vamos melhorar os nossos processos". ■ SUSANA MARVÃO

Inovação lidera lista de prioridades do Instituto de Informática

Concursos de ideias, eventos de inovação, sessões tecnológicas, uma forte aposta na formação assim como uma plataforma de apoio à inovação fazem parte da forma de operar desta entidade pública.

SUSANA MARVÃO

Desde 2016 que a inovação encabeça a lista dos valores do Instituto de Informática, a instituição pública responsável pela gestão das tecnologias de informação e comunicação da Segurança Social. Uma missão particularmente complexa tendo em conta que, ao todo, são mais de 14 mil utilizadores institucionais afetos ao Ministério do Trabalho, Solidariedade e Seguran-

ça Social. "Acreditamos mesmo que a capacidade contínua de explorar e desafiar novas ideias e soluções pode e deve transformar aquela que é a relação do cidadão com a Administração Pública", comentou Carla da Costa Coelho, vice-presidente do Conselho Diretivo do Instituto de Informática na segunda Talk do Prémio Nacional de Inovação, uma iniciativa que junta o Negócios, o BPI e a Claranet, em parceria com a Nova SBE e a COTEC Portugal. O ano passado, esta instituição processou 83,2 milhões de prestações sociais e pensões e transacionou, em termos de interoperabilidade, 56,6 milhões. "Queremos

operar muito mais. Este número é muito pequeno, porque cada transação significa que nós, cidadãos, temos de entregar menos um documento e menos um dado". A nível de orçamento, o organismo é dotado de 57 milhões para cumprir com a sua missão.

Canais digitais mais fortes

Na sua intervenção, Carla da Costa Coelho revelou um dado curioso: antes da pandemia, o canal Segurança Social Direta tinha, em média, 30 milhões de visitas, número que disparou no período de confinamento e o ano passado se centrou nos 104 milhões. "Pensávamos que agora ia

haver uma diminuição, mas não. É sinal de que estamos a entregar mais serviços digitais, com as pessoas a poderem realizar mais operações na nossa plataforma sem terem de recorrer aos serviços de atendimento". Em 2022, houve três milhões de chamadas na Linha Segurança Social, 1,5 milhões de conversas no chat bot, "que tem pouco mais de um ano" e 19,5 milhões de atendimentos registados no SIGA, o único produto que o Instituto de Informática vende à Administração Pública e privados.

A materialização da inovação

Para passar da teoria à prática, o Instituto de Informática materializou o Programa de Inovação, constituído por concursos de ideias, eventos de inovação, sessões tecnológicas, uma forte aposta na formação assim como uma

plataforma de apoio à inovação. Segundo a vice-presidente, o caminho passa por manter a aposta nos eventos de open innovation e implementar o plano estratégico de promoção de políticas de inovação. "Estamos num momento de grande responsabilidade, temos muitos fundos do PRR que têm de ser usados de forma responsável para criar serviços mais ágeis e que sirvam os cidadãos".

Carla da Costa Coelho explicou que o plano estratégico deverá contemplar a avaliação do atual estado dos serviços, elaborar um caminho a seguir e promover um guia operacional "que nos permita executar um conjunto de iniciativas que antecipem se irão focar em capacitação, dinamização de workshops". Outra ambição partilhada pela executiva é robustecer a plataforma de gestão de inovação. ■



Duarte Roriz

Carla da Costa Coelho, vice-presidente do Conselho Diretivo do Instituto de Informática



Estamos num momento de grande responsabilidade, temos muitos fundos do PRR que têm de ser usados de forma responsável para criar serviços mais ágeis que sirvam os cidadãos.

CARLA DA COSTA COELHO
Vice-presidente do Conselho Diretivo do Instituto de Informática

Duarte Roriz



João Lima Pinto,
da administração
da Ebankit



Não há ideias más. Há umas que já foram feitas, outras que estamos longe de conseguir... mas partir de uma ideia é uma boa base para o que pode ser inovação."

JOÃO LIMA PINTO
Administrador da Ebankit

Inovação para desenvolver o negócio

Uma das métricas que orgulha a software house portuguesa é que grande parte dos clientes que adotaram as suas soluções foram premiados pela sua eficiência, inovação, transformação do mercado ou pela rentabilidade.

Criada em 2014, a portuguesa Ebankit, especializada em software para o setor financeiro, desde logo abraçou uma carreira internacional com a abertura de um escritório em Londres. Uma veia que se expandiu a outras geografias como Nova Iorque ou Vancouver, que dão cobertura a cerca de 60 clientes em 11 países. No total, são mais de 13 milhões os utilizadores que lidam diariamente com a plataforma da Ebankit. "É uma empresa em crescimento e que usa muito a inovação e a sua tecnologia como forma de desenvolvimento", disse João Lima Pinto, administrador da Ebankit, na segunda Talk do Prémio Nacional de Inovação, uma iniciativa que junta o Negócios, o BPI e a Claranet, em parceria com a Nova SBE e a CO-TEC Portugal. "Temos uma preocupação muito grande nesta área da informática que é o sucesso dos projetos dos nossos clientes", salientou o responsável, enfatizando que desde a sua fundação,

praticamente todos continuam a usar a plataforma. A simplicidade de utilização é um dos pontos de honra da Ebankit, a par da rentabilidade dos custos de operacionalização na utilização das soluções bancárias.

Fazer e errar

Fazer, errar, ajustar, fazer de novo. Voltar a errar e a fazer. É mais ou menos assim o processo criativo e de inovação da Ebankit. Na sua apresentação, João Lima Pinto explicou que muitas das ideias nunca saíram do laboratório. Foram concebidas, prototipadas e, muitas vezes o mercado não as absorveu. "Há coisas criadas há 10 anos que só estão a chegar ao mercado, tem a ver com a maturidade desse mesmo mercado". Uma das métricas que muito orgulha a empresa portuguesa é que grande parte dos clientes que adotaram as suas soluções foram premiados pela sua eficiência, inovação, transformação do mercado ou pela rentabilidade. "Na

prática isto representa um ganho brutal para as próprias organizações e, indiretamente, das soluções da Ebankit". Para incutir uma missão de inovação em toda a estrutura da empresa, a própria administração está envolvida nos processos, lançando ideias e desafios, realizando eventos ao longo do ano para promover interações. "Temos um conjunto de iniciativas que chamamos Labs onde apontamos diferentes áreas de inovação, seja funcional ou tecnológica". Outra área de inovação é o marketplace, onde a Ebankit abraça parcerias com outras empresas que complementam a sua oferta, resultando em inovação conjunta. "Isso significa que se tiver um mecanismo de autenticação por voz, por exemplo, não vamos ser nós a desenvolvê-lo. Vou pegar no know-how de um parceiro que já o saiba fazer, vou incluí-lo dentro da minha tecnologia, fazendo com que o processo seja muito mais fácil para o utilizador".

A importância da ideia

Na jornada da inovação, a ideia é das valências mais importantes, algo que tem de ser incentivado dentro das empresas. "Não há ideias más", dizia no evento João Lima Pinto. Outra área de inovação é o marketplace, onde a Ebankit abraça parcerias com outras empresas que complementam a sua

A simplicidade de utilização é um dos pontos de honra da Ebankit, a par da rentabilidade dos custos de operacionalização.

oferta Lima Pinto. "Há umas que, se calhar, já foram feitas, outras que estamos longe de conseguir... mas partir de uma ideia é uma boa base para o que pode ser inovação". A partir daí, a prototipagem é o passo seguinte, que no caso da informática pode atingir diferentes formas, havendo depois uma abordagem ao mercado no sentido de entender se o produto ou solução seria bem aceite. "Temos a sorte de, dentro do nosso ecossistema, ter um conjunto de clientes com bastante proximidade e que veem grande valor neste tipo de abordagem". De resto, João Lima Pinto admite que a mais-valia da empresa é garantir aos clientes que independentemente do posicionamento do mercado e das tendências, a Ebankit vai estar na linha da frente com soluções. "É fundamental porque quando um cliente compra a nossa plataforma é numa perspetiva de cinco a dez anos".

SUSANA MARVÃO

Experimentação e tolerância ao erro são fundamentais à inovação

Um banco, uma tecnológica, uma agência e uma sociedade de advogados sentaram-se à mesma mesa para debater o papel da inovação na evolução das organizações e do País.

SUSANA MARVÃO

A primeira vista, até pode parecer estranho num debate sobre “O papel da inovação na evolução das organizações e do País” um dos oradores convidados ser uma sociedade de advogados. Sobretudo porque, demasiadas vezes, a inovação está associada à tecnologia e à ciência. Errado, diz Fernando Resina da Silva, sócio responsável pela área de Propriedade Intelectual Transaccional da VdA. “O setor da advocacia em Portugal é muito inovador, em matéria tecnológica, mas não só, também nos produtos e serviços que desenvolve”, explicou no debate dedicado à tecnologia “O papel da inovação na evolução das organizações e do País” da segunda Talk do Prémio Nacional de Inovação, uma iniciativa que junta o Negócios, o BPI e a Claranet, em parceria com a Nova SBE e a Cotec Portugal.

Fernando Resina da Silva admite que na VdA a inovação tem papel de destaque há bastante tempo. Em 2012, a sociedade decidiu juntar aos quatro valores fundacionais com a vertente da inovação. “Há 10 anos que tomámos a decisão de ter a inovação como um dos principais alicerces da nossa atividade e posicionamento”, comentou. Uma atitude explicada pela necessidade de sustentabilidade e pelo facto de o mercado onde a VdA atua estar muito ‘comodotizado’. “Queremos fugir disso. Queremos ter inovação no que fazemos, na forma como fazemos e para quem fazemos e assim garantir a nossa sustentabilidade. A inovação tem de ser um factor

de diferenciação e de atratividade”, comentou. “Sentimos isso, não só por parte dos clientes, mas dos próprios colaboradores. As pessoas querem vir trabalhar na VdA, não só advogados mas profissionais das áreas de gestão e suporte, porque sentem ser uma casa que inova e leva a sério a inovação”. Exemplo disso é o Fórum VdA Inovação e o Conse-

lho Estratégico. “Estamos a conseguir utilizar a inovação como uma ferramenta para a nossa sustentabilidade”.

Postura disruptiva

Igualmente representado no evento, o BPI fez uma forte aposta em inovação no último ano, materializada no Centro de Excelência e Inovação e Novos Negócios (CEINN) e no Centro de Excelência em Inteligência Artificial. “A inovação já existia mas estava muito centralizada nos vários departamentos, para além de ser mais focada numa inovação incremental, de produto”, explicou Teresa Sousa, manager do Centro de Excelência e Inovação e Novos Negócios do BPI. “A nova postura da entidade bancária em relação à inovação trouxe uma visão de inovação disruptiva no sentido de olhar para todas as tendências - seja metaverso, blockchain ou ativos digitais - e perceber como se deve o banco posicionar perante estes novos desafios e perceber que produtos e serviços procuram os clientes”. Exemplo disso foi o lançamento do BPI VR, centrado na realidade virtual, “que teve um feedback incrível”, mencionou.

A importância da co-inovação Na Claranet, a inovação está na raiz da organização. A empresa começou como uma startup, tendo depois ocorrido o que Alexandre Ruas, executive director operations da Claranet Portugal, apelidou de escalada de inovação. Nesta sua jornada, a tecnologia sustenta-se em dois eixos. Um deles é a inovação interna, “para nos tornarmos mais resilientes, competitivos, sustentáveis e eficazes”. Outro eixo é a co-inovação no sentido de serem um veículo que aporta valor aos clientes e parceiros, “mais focado na tecnologia pois esse é o nosso ‘core’, o nosso ADN e onde temos mais know-how”.



A nova postura da entidade bancária em relação à inovação trouxe uma visão de inovação disruptiva no sentido de olhar para todas as tendências - seja metaverso, blockchain ou ativos digitais - e perceber como se deve posicionar o banco perante estes novos desafios.



TERESA SOUSA
Manager do Centro de Excelência e Inovação e Novos Negócios do BPI



Catalisar conhecimento traduzido em inovação é a missão da ANI – Agência Nacional de Inovação, que se posiciona na interface entre a academia e a indústria, abordando sobretudo a inovação disruptiva. “É no setor tradicional onde reside o maior desafio”, admite Sílvia Maria Pires Garcia, vogal executiva da ANI – Agência Nacional de Inovação. A responsável realçou “a necessidade de se construírem agendas e programas mais direcionados para os diferentes se-

tores, que andam a velocidades diferentes e têm necessidades distintas”. Aliás, a própria investigação e desenvolvimento “anda a velocidades diferentes”. A responsável fez o paralelismo entre o setor das ciências da vida, da saúde e dos materiais, onde a investigação e desenvolvimento, inovação e transformação em produto anda em tempos completamente distintos do que, por exemplo, uma inovação tecnológica. “Uma desenvolve-se em meses, outra em anos”.



Duarte Roriz

João Maia Abreu moderou o debate que contou com Teresa Sousa, Alexandre Ruas, Sílvia Maria Pires Garcia e Fernando Resina da Silva.

NOVA SBE | HADDAD ENTREPRENEURSHIP INSTITUTE

A nova fase da internet

O metaverso é uma das temáticas nas quais o BPI tem vindo a trabalhar. Teresa Sousa admite que o desafio agora é perceber até que ponto este vai ser um novo canal de comunicação com os clientes. “Quando surgiram os smartphones e apps, a banca estava focada em desenvolver soluções de home-banking porque não acreditava que as pessoas iam utilizar um ecrã tão pequenino para fazer as suas operações bancárias.

Fomos rapidamente ultrapassados por novos players do mercado, 100% digitais e sem presença física. Não queremos cometer os mesmos erros do passado”, explicou a gestora. “Estas tecnologias estão a ter muita adoção, queremos testar a tecnologia e perceber os ‘use cases’”. O banco está agora a testar novas funcionalidades, nomeadamente a da interação, em que é possível reunir com o gestor de cliente. “Queremos

e ajudá-los a dar o primeiro passo no Metaverso. Queremos crescer juntos”. Blockchain, ativos digitais e NFT são outros pontos de foco do BPI, a par de mundos virtuais como o Fortnite, onde o CaixaBank, por exemplo, já tem o Imagin bank.

Uma visão para a sustentabilidade

Uma visão que integre inovação é fundamental para a sustentabilidade das empresas, disse no

evento Alexandre Ruas, executive director operations da Claranet Portugal, focando ainda a importância da liderança. “Cada empresa, adaptando à sua realidade, deve ainda criar um plano operacional”. No caso da Claranet, foi criada uma área específica, o Claranet Labs, cujos recursos não residem apenas nesse laboratório. “Isto foi uma decisão de gestão. A inovação tem de acontecer em todos os tentáculos da nossa organização. Temos uma equipa que tem como missão estimular a inovação da nossa organização, acompanhado de um framework”. O responsável mencionou ainda que sem orçamento não há inovação, enfatizando a necessidade de haver lugar à experimentação e, mais do que tudo, tolerância ao erro.

A lei tem de ser célere

Todas as novas tecnologias trazem, e sempre trouxeram, desafios à lei, desde big data, Internet das Coisas, redes sociais ou metaverso. Como deve reagir a lei? Fernando Resina da Silva, sócio responsável pela área de Propriedade Intelectual Transaccional da VdA, admite que “a lei não deve reagir antes”. Pelo contrário. Defende que deve primeiro existir um período de maturação da própria tecnologia, mas que imediatamente após haver um núcleo identificado de direitos que têm de ser preservados, nomeadamente dos cidadãos, deve surgir.”

A União Europeia tem aprendido muito com isso. Está agora a adotar a filosofia dos regulamentos, igual para toda a Europa” e aplicável a partir de determinada data. “Tivemos isso no Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados e estamos a ter no regulamento da Inteligência Artificial”. Fernando Resina da Silva sustenta que a lei tem de andar rapidamente e, na medida do possível, não limitando o que é a sua utilização. ■



A inovação tem de acontecer em todos os tentáculos da nossa organização. Temos uma equipa que tem como missão estimular a inovação da nossa organização.



ALEXANDRE RUAS
Executive Director Operations da Claranet Portugal

É necessário construir agendas e programas mais direcionados para os diferentes setores, que andam a velocidades diferentes e têm necessidades distintas.



SÍLVIA MARIA PIRES GARCIA
Vogal Executiva da Agência Nacional de Inovação

Queremos ter inovação no que fazemos, na forma como fazemos e para quem fazemos e assim garantir a nossa sustentabilidade.



FERNANDO RESINA DA SILVA
Sócio responsável da área de Propriedade Intelectual Transaccional da VdA

